

O Galato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 25 de Maio de 1985 * Ano XLII — N.º 1075 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Ao fim da tarde, em Paço de Sousa, depois do trabalho e da escola, juntamo-nos, aqui, no largo da capela da nossa Aldeia. «É o lugar mais lindo!» — dizia Pai Américo.

A expedição do livro «A PORTA ABERTA»

A hora que alinhavamos este apontamento, os assinantes da nossa Editorial começam a folhear o livro A PORTA ABERTA, lendo e reflectindo sobre a Pedagogia de Pai Américo — aplicada em todas as comunidades da Obra da Rua; o qual, sem pretensiosismo, em sentido mais lato, pode servir de apoio, de **guia**, às próprias Famílias — que a Família está na ordem do dia! E também às escolas, aos lares para rapazes e raparigas — a educadores e educandos.

da **Introdução** que a Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte, na qualidade de Autora do volume, insere no primeiro caderno d'A PORTA ABERTA, especialmente para os leitores d'O GALATO que venham a interessar-se pela reedição e não sejam assinantes da nossa Editorial:

«SOMOS A PORTA ABERTA»... este livro tem uma história... Foi começado em 1953 e nasceu do contraste entre as Casas do Galato do Padre Américo.

Cont. na 4.ª pág.

Quem nos dera poder esperar mais uns dias para, então, escrevermos a nota já no meio grande **precissão** d'Amigos que chegarão, entretanto, motivados pel'A PORTA ABERTA, junto doutros — ainda não inscritos no ficheiro da nossa Editorial — que utilizam o postal **RSF** (resposta sem franquia) introduzido na última edição d'O GALATO para nos requisitarem a obra citada ou outros livros da nossa colecção — que já não são poucos!

O postal **RSF** (resposta sem franquia) — a preencher com letra bem legível, de preferência em **maiúsculas** — é um meio cómodo, muito prático para as gentes atarefadas, particularmente dos grandes meios urbanos, com tempo muito limitado para cumprirem as suas obrigações ou tarefas, inclusive profissionais. Vivemos uma época **vertiginosa**, de luta **contra** o tempo, com nefastas consequências para o regular equilíbrio das pessoas, do mundo que as rodeia — do próprio mundo de cada um!

Entretanto, e apesar do muito pouco que foi dito nas colunas d'O GALATO sobre a reedição d'A PORTA ABERTA, já têm aparecido Amigos confirmando o desejo de receberem o livro e avançando com a requisição doutras obras: «**Nós precisamos muito, muito, de ler e reflectir nos livros do Padre Américo! É uma lâmpada acesa, uma luz eterna que nos alumia — que alumia o nosso mundo!**»

Como o prometido é devido — e para não nos alongarmos — eis outro pequenino excerto

Educação e problemas sociais

Bandeira agitada ao vento em nome de um anti-passado recente — que sempre lhe deixou ouvir a voz (o livro «Educação Cívica» a que me venho reportando teve uma 2.ª edição em 1954) embora dela não aproveitasse — que mais escutada estará sendo hoje a voz de António Sérgio, igualmente anti-passado remoto e com certeza anti-presente enquanto se não vê determinação para romper com «este nosso ambiente de preguiça velha com raízes na espessura dos tempos»?...

Pois não é infelizmente actual a advertência feita há setenta anos: «Pinamaniquemos, sebastianizemos, literaturemos, politiquemos, durmamos...», que a vida um dia nos acordará — a pontapés?»!

Sérgio não aspirou para Portugal uma democracia de palavras, mas uma estrutura séria, construída de baixo para cima, de dentro para fora e fundada na educação do homem português: «uma disciplina do carácter que, ao invés das tendências fantasistas, sentimentais e

Cont. na 3.ª pág.

Vistas de Dentro

Ao fim da tarde, em Paço de Sousa, depois do trabalho e da escola, juntamo-nos no largo da capela da nossa Aldeia. «É o lugar mais lindo!», dizia Pai Américo. De um lado, o

refeitório donde vem o alimento do corpo. Do outro, a escola donde vem o alimento da inteligência. Ao centro, a capela donde vem o sentido de toda a nossa vida. Aqui nos junta-

mos ao fim da tarde. É a hora da oração. Somos uma família cristã. Os mais novos na escadaria da capela, e os mais velhos nas escadas que dão para as escolas, vão alternando a oração do Rosário. Depois, vem o jantar.

Aconteceu, ontem, que um grupo dos mais pequenos, no fim da oração, agarrou o meu braço e arrastou-me até junto de uma árvore plantada ali. O que havia de ser? Um ninho de passarinhos e a mãe, dentro, aconchegando os filhos! E apontavam..., apontavam... Quase lhe chegavam com o dedo... e a mãe não fugia! Eu, pasmado, não sabia fazer mais nada senão olhar! Sim, olhava o ninho e os olhos dos pequenos.

Pai do Céu, semeaste tanta bondade no coração destes pequenos! Nem os passarinhos têm medo deles! Alguns andavam perdidos porque ninguém os queria! Outros, escorraçados, porque as pessoas tinham medo deles! Dai-me a serenidade e a confiança desta avezinha!

Padre Manuel António

Cont. na 4.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«As responsabilidades não se alijam, enfrentam-se.» (Pai Américo)

Com relativa frequência, dão os jornais notícias de irregularidades existentes no sistema de Segurança Social. Baixas fraudulentas, pensões indevidas, subsídios de desemprego sem a eles haver lugar, sonegação de contribuições, etc., são um lugar comum, sem que se vislumbrem medidas adequadas, numa acção conjugada dos vários departamentos envolvidos. Ainda agora, na re-

gião de Coimbra, foram detectados prejuízos na ordem dos cem mil contos!

Nesta época de «golpes», em que tudo vale e as pessoas se servem dos mais variados expedientes para conseguirem os seus objectivos, há que tomar consciência da gravidade das questões, enfrentando-as com coragem e decisão e onerando com sanções pesadas os prevaricadores. Na verdade, se são de exigir pensões decentes ou subsídios capazes, quando a isso houver lugar, há que enfrentar com frontalidade os autênticos crimes de lesa sociedade de que todos, mais ou menos, tomamos conhecimento. Pensamos, mesmo, que se se conseguissem eliminar os abusos existentes, se poderiam aumentar os quantitativos auferidos e alongar, até, o leque do esquema de Segurança Social.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ A mãe-solteira continua o seu martírio!

A que ora nos aborda, com ar tético, gera mais um filho!

— Estou quase no fim do tempo...

Foi sempre doente. Porém, um dia, mais recuperada, emigra como «mulher-a-dias» para o meio urbano e escorrega nas boas falas dum indivíduo que deixara a esposa e oito filhos!

— Onde estão as crianças!?

— Foram p'ra uns colégios...

Não vamos entrar em demasiados pormenores.

— Cá!..., juntei-me a ele e fomos viver para... Tenho dois filhos pequeninos e mais este que vai nascer. Já não podia mais...! Ele matava-me com pancada! Resolvi fugir e ficou lá o q'era meu, pois tinha tudo fechado. Não agantava mais...!

Uma tragédia!

Além das necessidades materiais, na sua pobreza das coisas e do conhecimento das leis, a pobre mãe só quer pistas para defender os filhos, não sendo muito comum esta motivação — nos meios rurais — em casos idênticos!

Fornecemos os dados, a cana para poder pescar, por suas mãos, o direito deles.

— Como não ficou com documentos, procure saber na empresa onde ele trabalha, o respectivo número de beneficiário da Segurança Social — para o abono de família ser entregue em sua casa. Depois, colha as certidões de nascimento no Registo Civil...

— Os filhos estão registados em nome dos dois. Não acha q'ele deve dar uma mensalidade p'ra eu os criar?

— Com certeza! Arrumadas estas voltas procure o delegado do Ministério Público — com um atestado de pobreza na mão — para ver se ele poderá dar provimento à questão.

A pobre mulher transformou o semblante!

— Estas voltas, só estas voltas serão um grande bem...! Olhe q' o meu pai recebeu-nos em casa, mas não faz mais nada. «Agora, trata de ti e dos cachopos!» — é o que me diz.

E se não tivesse ninho para se abrigar!? Fixaria a sua vida na marginalidade.

Não temos à mão dados estatísticos sobre lares desfeitos, sobre mães-solteiras, tampouco sobre os filhos de ninguém que sofrem calvários dolorosos. Mas a verdade é que, noutra perspectiva, há, pelo menos, 22.000 famílias provenientes do meio rural, a viver em barracas nas cinturas dos grandes meios urbanos. Ainda segundo o INE, 0,3% das famílias portuguesas vivem em barracas; 10,2% em moradias sem energia eléctrica; 21,3% sem instalações sanitárias; 25,3% sem abastecimento de água; 11,8% sem retrete, lançando os dejectos pela porta fora; e 6,9% sem qualquer uma destas condições, isto é, vivem não se sabe como!

No meio desta panorâmica, que dizer do elevado número de famílias que desceram à miséria, mais ou

menos à pobreza absoluta, por causa do desemprego (10%), da reforma, dos salários em atraso, do aumento brutal do custo de vida — que sacrifica sempre os mais pobres?!

Este diagnóstico da situação revela como as crianças são as mais crucificadas!: A taxa de mortalidade infantil ronda os 26% (nos países mais abonados, 11%); o analfabetismo — doença secular! — é da ordem dos 20%; o mau aproveitamento escolar — ainda segundo os dados oficiais — é muito mais grave. Não referindo, já, o que foi demonstrado por um catedrático da Universidade do Porto, a propósito dos problemas de Nutricionismo: perto de dois milhões de portugueses não têm o suficiente para comer, enquanto três milhões comem desequilibradamente e em excesso!

São realidades que devemos saber — sem redomas nem tabus — na medida em que, cientes do País real (que nem sempre entra pelos olhos dentro...), todos e cada um possamos aliviar a miséria de tantos, tantas famílias que não vivem, melhor diríamos, que morrem aos poucos — e quantas se desfazem, todos os dias, de norte a sul do País!

No fim deste apontamento somos alertados para o problema doutra mãe-solteira! Seria doloroso fazer o levantamento das que emigram do meio rural, seduzidas pelos atractivos, pelas facilidades do meio urbano!

Esta, também cá. Só uma vez. Depois, foi um caso sério para receber, ao menos, o abono de família da parte do pai, ao serviço duma empresa de cidade minhota!

Apesar de um pouco diminuída (de nascença) deu fé do mal e recuperou. Procurámos a sua promoção social no seio de família amiga, como suporte à sua promoção moral. Não entendeu. Compreendemos porquê. Agora, porém, necessita de moradia. Entretanto, vaga uma moradia do Património dos Pobres. É a sua casa! É a Mãe-Igreja a dar-lhe apoio, a integrá-la no meio!

A verdade é que, apesar das naturais mudanças ou evolução dos tempos, o Património dos Pobres — mesmo em regiões de transição, entre o litoral e o interior — continua a ser o último reduto, a tábua de salvação dos sem-casa!

PARTILHA — «Maria de Portugal» abre a coluna com acento bem tripeiro:

«Aí vai a migalha deste mês de Maio.

Para honrar S. José Operário e Nossa Senhora — a melhor Dona de casa — gostaria que essa pequena quantia (500\$00) fosse para um casal idoso ou doente que gaste a vida apagadamente...»

Assinante 31235, de Mem Martins, 700\$00. Votos de boas melhoras! Vilares (Vila Franca das Naves) a remessa habitual e um voto: «Que Deus nos ajude a todos!» Assinante Maria, de Lisboa, 1.000\$00 para aplicarmos «onde melhor der jeito». F.T.F., de Crasto (Águeda), metade, «em acção de graças por Deus me deixar neste mês — com 52 anos de Matrimónio — em Paz e na Graça de Deus». A Força da Graça — do Grande Sacramento!

A. F., do Porto, torna com 500\$00 «por alma de meu pai e minha avo-



FESTAS

• CENTRO

Na altura em que esta crónica está a ser escrita, já visitámos as primeiras terras onde o nosso calor humano e alegria foram inteiramente correspondidos pelos nossos Amigos. Dizer como, não será um relatório mas o testemunho daquilo que experimentámos.

Começámos no Salão dos Bombeiros de Miranda do Corvo — sala muito pequena para corações tão cheios! Era a primeira. A prova dos nove! Um pouco de nervosismo apoderou-se de nós e aumentava com a aproximação do momento da largada. Era o passo mais importante, o quebrar da incógnita. Risos, palmas e muito mais, foram a melhor prova de união existente entre nós e os nossos vizinhos.

Em seguida fomos a Coimbra, à tarde e à noite.

Já conhecemos bem estes nossos amigos «doutores». É quase um «tu cá-tu lá». Dos muitos amigos que aqui temos, recebemos muitas provas de carinho e afecto.

O já «velhinho» Teatro Avenida vibrou com a alegria dos presentes, quer à tarde, quer à noite; se bem que nesta se notasse a ausência de muitos que, certamente, não terão po-

didado estar por variadas e desconhecidas razões.

De seguida, numa sexta-feira à noite, estivemos em Tomar. A casa cheia, muitos amigos, muita alegria, muitas palmas e no fim uma merenda mesmo a calhar — a «bucha» como nós lhe chamamos!

Num domingo, à tarde, fomos ao Casino da Figueira da Foz. A sala rica não só de ornamentos mas de almas. Já há dois anos que não pisávamos este palco, que o ano passado esteve em obras. Trouxemos de lá muitas coisas boas, à semelhança do que acontece nas outras terras. E o que deixámos...! Até prò ano, boa gente!

A meio da semana, uma quarta-feira à noite, foi em Leiria. Também aqui, o ano passado, estivemos ausentes. Gostámos tanto de ver os nossos amigos — como eles a nós! Também recebemos muitas coisas, entregues com muito amor!

Em geral, nestas terras por onde já passámos, temos encontrado salas grandes — mas insuficientes para conterem essas ondas gigantes de calor humano! Obrigado amigos! E até prò ano, se Deus quiser!

Mas como a peregrinação ainda não terminou, aí têm os senhores — e as senhoras —

o resto do itinerário das nossas Festas:

Em 25 de Maio, às 21,30 — Salão dos Bombeiros — **Cantanhede**; 31 de Maio, às 21,30 — **Cine-Teatro Império — Lousã**; 1 de Junho, às 21,30 — **Cinema Messias — Mealhada**.

Chiquito-Zé

• SUL

N. da R. — É de crer que o nosso Padre Acílio fará, entretanto, um balanço das Festas realizadas na região de Setúbal, sublinhando, concretamente, o rendimento humano e cultural que elas proporcionam aos gaiatos, pois — como disse e muito bem — «contribuem para a descoberta de valores pessoais e para a auto-consciência» de todos, sobretudo dos mais responsáveis.

E como a romaria continua, esclarecemos os mais ansiosos, todos os que desejam saber onde as Festas serão, no sul do País:

Hoje, dia 25 de Maio, na Sociedade das Cabanas, em **Cabanas**; 1 de Junho, no salão dos Bombeiros Voluntários, **Pinhal Novo**; dia 8 de Junho, no Salão Joaquim Lopes, em **Águas de Moura**.

zinha». A Força da Família! «Uma portuense qualquer» chega sempre com mensagem!:

«Junto a migalhinha relativa a Abril para ajuda das despesas da Conferência Vicentina, para os nossos Irmãos carecidos que são cada vez mais, infelizmente; e, muitas vezes, por causa do nosso egoísmo e comodismo. Deus nos ajude a dominar estes «ismos»!»

Uma avó lisboeta («tenho 76 anos») manda algo para os Pobres e pede uma oração pelo seu restabelecimento. Rua Cidade de Évora, Parede: «Pe-

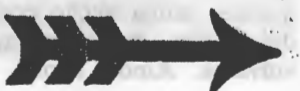
quenina ajuda para os casos mais prementes da Conferência Vicentina». Assinante 9983, de Aveiro, um cheque. Diz ser «poucoquinho, mas dado com muito amor, pois todas as vezes que lemos as Notícias da Conferência de Paço de Sousa ficamos com vontade de ajudar. Não acusem recepção! Basta uma referência n' O GAIATO, anónimamente». Aí está!

Assinante 20174, de Coimbra, outro cheque «para as necessidades mais prementes dos Pobres da Conferência». E continua: «Não gaste dinheiro a acusar recepção, pois vejo pelo movi-

mento da minha conta bancária o levantamento dele».

As «saudações fraternas» e a «partilha habitual» d' «uma Assinante de Paço de Arcos» que, todos os meses, retira elevada percentagem do seu vencimento para os Pobres da Conferência. Há quantos anos!

Assinante 17258, de Rio Tinto, 750\$ para uma Viúva. Elas precisam — e muito! — do nosso apoio moral!



Do que nós necessitamos

«O vosso jornal é um perigo!», disse, a semana passada, um amigo que andou a prestar serviço militar comigo e ficou a ser assinante. «A gente lê e não descansa mais! Já não sou como dantes. Por isso, não posso deixar de contribuir para O GAIATO como e com quanto posso. Ele não tem preço!» E rapou numa nota de 5.000\$00.

Um saco de camisolas duma avózinha de 82 anos para os nossos «Batatinhas» deixa-nos sensibilizados pelo amor com que foram executadas. Uma mãe agradecida, mil escudos. Outra nota igual de outra mãe, de Matosinhos. Davinhos, 10.000\$00. Por intermédio de um amigo, que era de Malamje, agora em Tabuaço, 51.000\$00. Mais cinco mil de uma Maria Rosa, que se encontra doente. Por uma graça recebida, 3.500\$. Outro tanto de uma assinante de Gondomar. E 2.000\$00, com a mesma intenção, duma outra assinante do Porto. Assinante 33058, um vale dos C.T.T.: 500\$00. Póvoa de Varzim, mil para as amêndoas da Páscoa. Pigalle, na visita anual, 100.000\$00. Travessa do Trouço, S. Mamede de Infesta, 10.050\$00. Cofre no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, muitos donativos que lá depositam. Famílias de Cascais, que recebem a Sagrada Família, 2.850\$. Têxtil Manuel Gonçalves, de V. N. Famalicão, muito pano para lençóis que tanto jeito nos fez. Três netas, de Évora, 2.600\$00 com muito carinho. Pinto, de V. N. Gaia, 100\$00. Quinhentos de anónimo, do Porto. Emília, da Trofa, uma

boa quantidade de agulhas. Duzentos e cinquenta em selos do correio, da Amadora. Maria Odete, de Braga, 10.000\$00.

Quando sacamos cartas do grande sobrescrito para esta nota, aparecem contributos de estudantes! Hoje, um de Medicina com o seu óbulo, fruto das suas economias: 1.000\$00. E que dizer das ofertas de crianças de uma Escola Primária, da zona ribeirinha do Porto, que até os professores admiraram que dessem tanto! «Nós pedimos para não darem o que lhes fizesse falta, mas alguns não quiseram saber e foram menos umas guloseimas que compraram!» As crianças são assim! Quem dera que todos fôssemos como elas! Assinante da casa dos seis mil, uma nota de 5.000\$00. Outra Escola Primária, agora de V. N. Gaia, também com os contributos para os meninos da idade deles. Mais cinco mil de outro assinante que disse da tristeza que lhe ia na alma por andar uma organização de falsários, na cidade do Porto e arredores, a pedir para a Casa do Gaiato. Tem razão, meu senhor, mas nós temos feito o que podemos, e já alertámos a Polícia Judiciária, do Porto, para descobrir os responsáveis por tanta comedela!... A verdade é que os nossos Rapazes só vendem O GAIATO e mais nada. E quem pede para as nossas Casas são só os nossos Padres — quando é preciso.

Com votos de Páscoa feliz um cheque de 5.400\$00 — **de uma aposta cujo produto tinha que ser gasto na Imprensa. Ai**

vão esses escuditos para o melhor jornal que conheço: O GAIATO». Jovem de Arouca, 2.000\$00. Quis ficar assinante do nosso jornal pedindo que o lembrássemos no Altar. Sim senhor, não só no Sacrifício da Eucaristia, mas durante o dia. A vida dos nossos rapazes, só por si, já é um louvor ao Pai do Céu pelo bem que lhes fazem. Mais dois mil dum estudante de Aveiro, por certo também jovem, que ama os nossos

rapazes. Que todos os nossos, do mais pequeno ao mais velho, saibam apreciar e fazer render o amor que esta juventude lhes dispensa! Mais quinhentos escudos de uma viúva da Cidade dos Doutores. Outro tanto da Cidade Invicta. Santo Tirso, 1.200\$00 e mais 30 notas de conto entregues no Espelho da Moda. Olhão, cinco mil. Mais 200\$00 de Tavira. Alemanha, 700 marcos. Brasil, pancadas enormes de cruzeiros. Outro estudante, de Medicina, com mil. Dez mil, do Seixal, por alma de C. Reis. Grupo de senhoras, do Candal, 11.500\$00 e mais 20 mil para os nossos

Pobres. Metade foi para a nossa Conferência do Lar do Porto, agora a funcionar com toda a força com alguns casais de antigos gaiatos que passaram por aquele Lar. Deus os ajude para continuarem a ajudar os nossos Irmãos e até alguns ex-gaiatos que estão em precárias condições. Maria Brito, mil escudos. Por alma do Rui, 35.000\$00. Outra vez mil, de Estela, do Porto. Anónima, da mesma cidade, 6.500\$00. E mais duas notas de D. Pedro para os nossos Pobres.

Deus seja louvado!

Fernando Dias

Educação e problemas sociais

Cont. da 1.ª pág.

sonhadoras que aí loam, fosse um desenvolvimento da iniciativa, da vontade criadora, da responsabilidade, do auto-domínio, do self-government». E tão indispensável julgava ser este o fundamento que «insistia em como é grave o problema (da educação) nas democracias deseducadas, terras propícias para charlatões».

Sem a prioridade posta na formação do homem — «o homem que não é dado uma vez por todas, mas vai sendo construído, se vai fazendo a si próprio» — jamais se sai do grande equívoco da liberdade — «vemos na liberdade um presente que nos dão ou que nos tiram, não uma virtude do nosso espírito, que criamos diariamente ou diariamente abandonamos — e permanece o Povo naquela antiga «fidelidade de vassalo», socialmente um vício porque promove o senhor-absolute ou grupos de tirantes, conforme o nome com que se apelida o regime.

A virtude da liberdade, e a sua manutenção e crescimento, enraíza numa sã autonomia em que o trabalho de cada um é a terra humosa que proporcionará os frutos. «O nó vital do problema — escreve Sérgio — jaz nesta comparação: iniciativa particular ou reboque de outrem; contar consigo ou com o chefe; esperar de si mesmo ou esperar do Estado — eis a questão».

Depende da opção pessoal perante estas disjuntivas a autenticidade da cidadania, a autoridade moral que tornará um Povo capaz de quebrar «o absurdo» de «essa imensa tutela de milhares de homens por seis ou sete homens» (agora são dez vezes mais!), como afirmava Alexandre Herculano em 1858 em «Carta aos leitores de Cintra»: «Nada, a bem dizer, se move na vida colectiva do povo, que não venha de cima o impulso... É preciso que o país da realidade, o país dos casais, das aldeias, das vilas, das cidades, das províncias, acabe com o país nominal, inventado nas secretarias, nos quartéis, nos clubes, nos jornais, e constituído pelas diver-

sas camadas do funcionalismo... A administração do país pelo país é a realização material, palpável, efectiva, da liberdade na sua plenitude, sem anarquia, sem revoluções de que não vem quase nunca senão mal... A centralização, na cópia portuguesa, como hoje existe e como a sofremos, é o fideicomisso legado pelo absolutismo aos governos representativos, mas enriquecido, exagerado; é, perdoai-me a frase, o absolutismo liberal. A diferença está nisto: dantes os frutos que dá o predomínio da centralização supunha-se colhê-los um homem chamado rei; hoje colhem-nos seis ou sete homens chamados ministros. Dantes os cortesãos repartiam entre si os frutos e diziam ao rei que tudo era dele e para ele; hoje os ministros reservam-nos para si ou distribuem-nos pelos que lhe servem de voz, de braços, de mãos: pelo partido que os defende; e dizem depois que tudo é do país, pelo país e para o país. E não mentem! O país de que falam é o seu país nominal; é a sua clientela, o seu funcionalismo; é o próprio governo, é a tradução moderna da frase de Luís XIV, l'état c'est moi... menos a sinceridade».

Não resisti a esta extensa transcrição, fotografia tão fiel da nossa realidade, hoje. E apesar das transformações acontecidas ao longo dos cento e vinte sete anos que passaram (os homens foram o que menos evoluiu no entretanto!), momento do fenómeno urbano que contribui para a despersonalização e faz dos problemas grosso feixe, o nosso renascimento e progresso como Povo livre, há-de vir muito mais do próprio Povo, do seu trabalho, das suas intuições, do seu civismo, da sua vontade de se assumir «sem anarquia, sem revoluções» e também sem «fidelidade de vassalo» — do que das medidas de um Estado cuja representatividade do Povo urge ser repensada e carecerá de uma reformulação profunda, para que na verdade possa ser chamado representativo.

Tal exige uma tarefa educacional imensa que nos permita identificarmo-nos sem confusão e convivermos harmoniosamen-

te mas sem subserviência no concerto das nações.

Eis uma meta bem difícil — já foi dito — porque d'«este nosso ambiente de preguiça velha, bafio de uma história façanhosa» saímos todos nós; e a determinação à corrida para tal meta «depende de uma prévia revolução no espírito nacional».

Sim, particular responsabilidade no aceitar deste desafio têm-na os que na sociedade portuguesa constituem um Serviço público chamado Ministério da Educação. Mas a interpeleção Sergiana é, também — talvez principalmente... — dirigida ao Povo: às Famílias, aos Pais, à própria Juventude posta em frente a um futuro carregado de interrogações. Que, associados, dêem vida a corpos naturais com voz própria e força irrecusável, que impulsionem de baixo para cima, da parte para o todo, e levem os que se dizem representativos a sê-lo efectivamente, dando-se, sem segundas intenções, à iniciativa esforçada e mobilizadora da tal «revolução no espírito nacional» que importa sobre tudo o mais.

Padre Carlos

e material. Vancouver (Canadá), 25 dólares «para acudir a quem mais precisar — pelo eterno descanso dos meus familiares».

Por fim, Maria, da Rua Álvaro Castelões (Porto), traz 2.000\$00 que «já deveria ter mandado há muito! Mas meteu-se um teste pelo meio e durante uns dias não conseguí pensar em mais nada!» Pense, agora, nos Pobres — mais uma vez — e eles lembram todos em suas orações. Quanto vale a Oração do Pobre!...

Em nome de todos eles, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FUTEBOL — As nossas equipas A e B estão a preparar-se para defrontar, brevemente, alguns grupos que nos visitem para jogarmos. Já tivemos um jogo-treino com uma equipa vizinha, o Bairros, mas a inauguração do balneário só será quando estiver completamente pronto. E não tarda!

ELECTRICIDADE — A nossa cabina foi remodelada pelos electricistas dos Serviços Municipalizados de Penafiel. É o complemento da remodelação total da rede eléctrica que serve as casas da nossa Aldeia. Só em material gastámos centenas de

contos! Porém, a Câmara Municipal de Penafiel fez o favor de nos dispensar, gratuitamente, um grupo de funcionários dos Serviços Municipalizados que realizaram a obra de princípio ao fim. Muito obrigado.

OBRAS — Quando os *catapillers* prepararam o terreno da mata, uma parte do muro foi botado abaixo para as máquinas entrarem. Agora, terminada a obra, foi levantado e temos a quinta fechada.

O nosso balneário está quase pronto — já dissemos — e ficaremos com um parque desportivo verdadeiramente operacional!

VISITANTES — Quase todos os dias recebemos grupos de visitantes! Um deles veio do Porto, do Centro de Formação Profissional, e jogaram uma partida de futebol com os nossos rapazes que estão a terminar o curso de Serralheiro. O prélio terminou com um empate: 3-3.

TELESCOLA — Uma equipa do Instituto de Tecnologia Educativa veio à nossa Aldeia recolher uns apontamentos sobre a vida de Pai Américo, para as aulas de Moral da Telescola. É um bom trabalho para as crianças do nosso País, despertando neles o sentido do Bem — que é o exemplo de Pai Américo.

José Carlos

Associação dos Antigos Gaiatos do Centro do País

O segundo Encontro dos Antigos Gaiatos do Centro do País continua marcado para o dia 9 de Junho.

A concentração será a partir das 9,30h na Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo.

A celebração da Eucaristia marcará o início do nosso Encontro e, depois, será o desenvolvimento do programa já delineado.

O Encontro está aberto a todos os Amigos da Obra da Rua que nele queiram participar.

Chico Zé

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

«As responsabilidades não se alijam, enfrentam-se», escreveu Pai Américo. E não são as dificuldades dos problemas que nos eximem do imperativo de os enfrentar. É a Justiça que o exige.

■ Dizia-nos, há tempos, um Amigo suíço que Portugal é um País de burocracia, ocupando nesse capítulo um dos primeiros lugares. A administração pública é uma máquina extremamente pesada, paralisante, com graves consequências no desenvolvimento geral. Inúmeros projectos e planos têm sido gorados em virtude

A expedição do livro

«A PORTA ABERTA»

Cont. da 1.ª pág.

rico e os asilos para crianças que visitara até então. E digo até então porque, alguns anos mais tarde, tive ensejo de conhecer dois internatos modelares.

A situação de carência afectiva, de vida uniformizante, de ausência de relações espontâneas em que se encontravam em 1953 as crianças dos asilos, obrigavam-me a reflectir e a meditar nos métodos pedagógicos seguidos nos nossos internatos.

Como fruto dessa reflexão não podia deixar de concluir que a orientação básica estava profundamente errada na medida em que conduzia à despersonalização, à mutilação da alma das crianças, à ausência de sentido autêntico de responsabilidade. As crianças, todas de uniforme, repetindo automaticamente as mesmas atitudes, dirigindo-se em filas para o refectório, numa vida pautada em gestos e normas, sem contacto com o ambiente que as rodeava, cresciam num meio onde não existia a compreensão das suas necessidades afectivas e das suas necessidades de individualização.

Reconhecia-se o zelo, a dedicação, por vezes até, o esforço heróico para manter essas instituições. E porque se reconhece e admira, ainda impressiona mais que tanta generosidade seja vazada em moldes educativos tão desadaptados às verdadeiras exigências das crianças...»

Em próximas edições — além do mais e na medida do possível — procuraremos continuar a citar mais alguns excertos da Introdução que a Dr.ª Maria Palmira achou por bem inserir, como cartão de visita, na A PORTA ABERTA.

Júlio Mendes

da morosidade de todo o processo burocrático. É a burocracia anquilosante que, esperamos, a entrada para a C. E. E. alivie ou faça desaparecer.

Há dois meses que pedimos a isenção do I. V. A. A. (imposto sobre a venda de veículos automóveis) em ordem à compra dum carro pesado para o serviço da Casa. Uma lei explícita contempla claramente as associações do nosso tipo da isenção referida, desde que comprovada a qualidade de instituição particular de solidariedade social, o que fizemos no acto do requerimento. Até agora não recebemos qualquer resposta. Entretanto, o referido veículo está a fazer-nos imensa falta e já desembolsámos umas centenas de contos no contrato de promessa da compra e venda, que estão a render juros a favor do vendedor.

Contamos o facto para simples exemplo. Raciocinando em termos de generalização, fácil é concluir o que se passará a outros níveis, muito mais complexos, mas de importância basililar para o progresso colectivo. Requer-se, dá-se parecer, formula-se parecer do primeiro e assim, sucessivamente, umas tantas vezes; de repartição para repartição; de funcionário para funcionário passam os papéis. A máquina «gripada» não funciona ou arrasta-se penosamente

com manifesto prejuízo para todos. Viva a burocracia!

■ Já há anos contamos nestas colunas o sucedido com a ocupação e posterior falência de uma sofisticada Clínica, hoje estatizada, a quem a nossa oficina-escola de Tipografia fornecia os impressos aí utilizados. A questão arrasta-se há cerca de 10 anos e, até agora, nada recebemos do que nos é devido, fruto do suor dos Rapazes e dos investimentos da Casa. A Justiça, morosíssima, caminha a passo de caracol!

Infelizmente, o caso apontado é apenas um sinal, que outros há muito mais graves e elucídativos, com manifesto prejuízo do País. A Justiça quer-se certamente isenta, mas também célere. Nos termos em que actua, sem gente nem meios adequados, pouco pode fazer ou será mesmo geradora de injustiças. E tanto mais quanto os interessados menos meios da defesa tiverem. Por estes, sobretudo, escrevemos estas linhas.

Padre Luiz

P. S. — Continuamos a acusar novos assinantes, o que é bom sinal. O GAIATO é o melhor e mais poderoso elo de ligação entre os membros da Obra da Rua e ninguém deixará de o receber por dificuldades de qualquer ordem. Bem hajam!

NOTAS DA QUINZENA

□ O Óscar deu-me um grilo. — Mas não tenho tempo de lhe dar comida! — disse-lhe. — Ele não morre! — retorquiu. A cada recusa minha, uma insistência dele — até me deixar com a gaiolinha na mão, como menino grande.

Neste dia triste e para mais de chuva e vento, a simplicidade do pequeno levou-me a pensamentos de ternura e de compreensão.

Somos, quase sempre, os causadores da nossa tristeza e solidão... Incapazes, tantas vezes, de ouvirmos as aves e os grilos por causa das cachoeiras barulhentas do nosso interior. Fechados ao diálogo, pouco humildes para aceitarmos as fraquezas dos outros e duros ao encontro — pelo sorriso, palavras e gestos.

Pus a gaiola no quarto. Só já tem uma folhinha de trevo! Pedi ao Daniel para lhe trazer alface.

Um dos nossos grandes erros é não darmos atenção às coisas simples e não fazermos um esforço para nelas descobrirmos a beleza que sempre encerram!

□ Visitou-me um velho amigo de África... Depois de nos consolarmos com a recor-

dação dos poentes bonitos, das matas e das montanhas verdes, veio, repentinamente, a sombra escura da fome e entristeceu o seu rosto. Falou: «Aqui sobram garfos e nós não temos um garfo! Sobra tanta roupa e nós não temos roupa! Vi ontem dois contentores com pão e fruta podres!» E continuou: «Não precisaríamos de nada se tivéssemos paz; era só meter as mãos na terra. Assim, é a fome e a morte!...»

Em poucas linhas, um quadro que nos assombra e ultrapassa!

A paz e o meter, com decisão, as mãos na terra — o remédio eficaz.

Porém, os grupos irredutíveis e duros à paz não se doem com a fome e a morte do povo! Outros grupos poderosos e estranhos a suas pátrias, cegam e comandam!

É um altar próprio onde se sacrificam as pessoas, as pátrias e Deus.

□ Implantámos no nosso mundo uma nova torre de babel. Ela cresce e desenha-se com nitidez, desde as mesas simples dos cafés aos cadeirões dos parlamentos; nos campos de jogos e reuniões. Muita



«É a mãe-terra a infundir vida e alegria na própria vida destas crianças.»

CARTAS

«Envio este pingão de água, uma pedra quente de emigrante a quem a vida tem corrido. Na Escola que frequentei, na Rua Firmeza, Porto, está escrito: «Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.» Sejam homens para ajudar os necessitados!»

Assinante 21555»

«Sou reformado, tenho 75 anos, e há 2 meses que estou de cama devido aos meus sofrimentos, razão porque só agora me foi possível enviar a importância para a minha assinatura do GAIATO.

Reconheço que é pouquinho, mas, na presente ocasião, as minhas possibilidades não permitem enviar mais. Não calculam a satisfação e alegria que sinto ao ler as ofertas que fazem à Obra da Rua!

Assinante 30544»

Elisa»

confusão de ideias! Gestos descontrolados e sem a marca «sagrada» do respeito pelos Outros! Em nossos juízos e leis, Deus não é chamado. Prescindimos. Uma vez, fomos à frente de tudo os nossos interesses materiais; outras, as ideias que fomos bebendo. Raramente, Deus é o princípio e fim das nossas atitudes!

São bem nítidos, nas sociedades, os pés de barro; inevitáveis, os desmoronamentos.

Sem dúvida que há luzinhas verdes... Inúmeras se estão reacendendo pela Fé e Esperança!

□ Outro amigo trouxe-nos, de África, o convite-chamamento-apelo: «Venham de novo! Tantas crianças que precisam...!» — expresso pelos que, há oito anos, fizeram o inventário nas nossas Casas do Gaiato, desde a máquina mais pesada a uma simples caixa de fósforos.

Grande é a nossa pena de não podermos partir já!, sem saco nem bordão, somente, no peito, a oração pequenina de Pai Américo: «Eu creio!»

Outra vez no princípio e só pela Fé!

Que esta nossa pena seja apelo para os seminaristas e jovens que nos lerem.

Padre Telmo

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel